

# Aguardando Novos Céus e Nova Terra: Um Estudo de 2 Pedro 3

David Chilton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

De acordo com a segunda epístola de S. Pedro, Cristo e os apóstolos tinham advertido que a apostasia aumentaria perto do fim dos “últimos dias” (2Pe. 3:2-4; cf. Judas 17-19) – o período de quarenta anos entre a ascensão de Cristo e a destruição do Templo do Antigo Pacto em 70 d.C.<sup>2</sup> Ele deixa claro que esses “escarnecedores” dos últimos dias eram *apóstatas do Pacto*, familiares com a história e profecia do Antigo Testamento, eles eram judeus que tinham abandonado o Pacto Abraâmico rejeitando a Cristo. Como Jesus tinha repetidamente advertido (cf. Mt. 12:38-45; 16:1-4; 23:29-39), sobre aquela geração má e perversa viria o grande “Dia de Juízo” predito nos profetas, uma “destruição dos homens ímpios” como aquela sofrida pelos ímpios dos dias de Noé (2Pe. 3:5-7). Durante todo o Seu ministério Jesus traçou essa analogia (ver Mt. 24:37-39 e Lucas 17:26-27). Assim como Deus destruiu o “mundo” da era antediluviana com o Dilúvio, dessa forma o “mundo” de Israel do primeiro século foi destruído pelo fogo na queda de Jerusalém.

S. Pedro descreve esse julgamento como a destruição dos “céus e a terra que agora existem” (v. 7), abrindo caminho para “novos céus e nova terra” (v. 13). Por causa do que pode ser chamada a terminologia do “universo em colapso” usada nessa passagem, muitos têm equivocadamente assumido que S. Pedro está falando do final do céu e terra físicos, e não a dissolução da ordem mundial do Antigo Pacto. O grande teólogo puritano do século dezessete, John Owen, respondeu a essa visão referindo-se ao uso metafórico característico na Bíblia dos termos *céus e terra*, como na descrição de Isaías do Pacto Mosaico:

Porque eu sou o SENHOR teu Deus, que agito o mar, de modo que bramem as suas ondas. O SENHOR dos Exércitos é o seu nome.

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em agosto/2008.

<sup>2</sup> Para uma defesa dessa posição, veja David Chilton, *Paradise Restored: A Biblical Theology of Dominion* (Tyler, TX: Dominion Press, 1985), 112-122. O fato é que *todas* as vezes em que a Escritura usa o termo “últimos dias” (e expressões similares), ele significa, não o fim do universo físico, mas o período de 30 a 70 d.C. – o período durante o qual os apóstolos estavam pregando e escrevendo, os “últimos dias” do Israel do Antigo Pacto antes de ser destruído para sempre na destruição do Templo (e conseqüentemente a aniquilação do sistema sacrificial do Antigo Pacto). Veja Atos 2:16-21; 1Tm. 4:1-3; 2Tm. 3:1-9; Hebreus 1:1-2; 8:13; 9:26; Tiago 5:7-9; 1 Pedro 1:20; 4:7; 1 João 2:18; Judas 17-19.

E ponho as minhas palavras na tua boca, e te cubro com a sombra da minha mão; para plantar os *céus*, e para fundar a *terra*, e para dizer a Sião: Tu és o meu povo. (Is. 51:15-16)

John Owen escreve:

O tempo quando a obra aqui mencionada, de plantar os céus, e lançar o fundamento da terra, realizado por Deus, foi quando ele “dividiu o mar” (v. 15), e deu a lei (v. 16), e disse a Sião, “Tu és o meu povo” – isto é, quando ele tirou os filhos de Israel do Egito, e formou-os no deserto numa igreja e estado. Então ele plantou os céus, e lançou o fundamento da terra – fez o novo mundo; isto é, trouxe ordem, governo e beleza, a partir da confusão diante da qual eles estavam antes. Esse é o plantio dos céus, e o lançar do fundamento da terra no mundo. Portanto, quando menção é feita da destruição de um estado e governo, é nessa linguagem que parece apresentar o fim do mundo. Assim acontece com Isaías 34:4;<sup>3</sup> que nada é senão a destruição do estado de Edom. O mesmo também é dito sobre o império romano, Apocalipse 6:14;<sup>4</sup> que os judeus constantemente afirmam ser o significado de Edom nos profetas. E na predição da destruição de Jerusalém, feita por Cristo nosso Salvador, em Mateus 24, ele faz uso de expressões da mesma importância. É evidente então, que, no idioma profético e maneira de expressão, por “céus” e “terra”, o estado civil e religioso e a combinação de homens no mundo, e os homens deles, são freqüentemente entendidos. Assim, foram os céus e a terra que foram destruídos pelo dilúvio.<sup>5</sup>

Outro texto do Antigo Testamento, entre muitos que poderiam ser mencionados, é Jeremias 4:23-31, que fala da queda iminente de Jerusalém (587 b.C.) na linguagem similar de *de-criação*.

Observei a *terra*, e eis que estava assolada e vazia; e os *céus*, e não tinham a sua luz... Porque assim diz o SENHOR: Toda esta terra será *assolada* [referindo-se à maldição de Lv. 26:31-33; veja seu cumprimento em Mt. 24:15!]; de todo, porém, a não consumirei. Por isso, lamentará a *terra*, e os *céus* em cima se enegrecerão...(RC)

<sup>3</sup> “E todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como um livro; e todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide e como cai o figo da figueira”.

<sup>4</sup> “E o céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares”.

<sup>5</sup> John Owen, “Providential Changes, An Argument for Universal Holiness”, in William H. Goold, ed., *The Works of John Owen*, 16 vols. (London: The Banner of Truth Trust, 1965-1968), 9:134.

Desde o princípio, o pacto de Deus com Israel foi expresso em termos de uma *nova criação*. Moisés descreveu a salvação de Israel no deserto em termos do Espírito de Deus pairando sobre uma superfície, assim como na criação original do céu e terra (Dt. 32:10-11; cf. Gn. 1:2).<sup>6</sup> Em Êxodo, como na criação original, Deus dividiu a luz das trevas (Ex. 14:20), dividiu as águas das águas para produzir terra seca (Ex. 14:21-22), e plantou Seu povo em Seu santo monte (Ex. 15:17). A formação miraculosa de Israel por Deus foi assim uma imagem da Criação, uma recapitulação redentiva da formação do céu e da terra. A ordem do Antigo Pacto, na qual o mundo inteiro foi organizado ao redor do santuário central do Templo de Jerusalém, poderia de forma muito apropriada ser descrita, antes de sua dissolução final, como “os céus e a terra que agora existem”. John Brown, um expositor bíblico do século dezenove, escreveu o seguinte: “Uma pessoa familiarizada com a fraseologia do Antigo Testamento sabe que a dissolução da economia mosaica, e o estabelecimento da cristã, é freqüentemente mencionado como a remoção dos velhos céus e terra, e a criação de novos céu e nova terra... O período do fechamento de uma dispensação, e o começo da outra, é descrito como ‘os últimos dias’ e ‘o fim do mundo’; e fala-se dele como um sacudir da terra e céus, devendo como tal levar à remoção das coisas que estavam sendo sacudidas (Ageu 2:6; Hb. 12:26-27).”<sup>7</sup>

Portanto, diz Owen, “sobre esse fundamento afirmo que os céus e a terra aqui tencionados nesta profecia de Pedro, a vinda do Senhor, o dia do juízo e a perdição dos homens ímpios, mencionados na destruição desse céu e terra, fazem tudo isso se relacionar, não ao julgamento último e final do mundo, mas à total desolação e destruição que estava para ser feita da igreja e estado judaico” – i.e., a Queda de Jerusalém em 70 d.C.<sup>8</sup>

Essa interpretação é confirmada pela informação adicional de S. Pedro: neste iminente “Dia do Senhor” que estava para vir sobre o mundo do primeiro século “como um ladrão” (cf. Mt. 24:42-43; 1Ts. 5:2; Ap. 3:3), “os elementos, ardendo, se desfarão” (v. 10; cf. v. 12). Quais são esses *elementos*? Os assim chamados “literalistas” assumem superficial e descuidadamente que o apóstolo está falando sobre física, usando o termo para significar átomos (ou talvez partículas subatômicas), os componentes físicos reais do universo. O que esses “literalistas” falham em reconhecer é que embora a palavra elementos (*stoicheia*) seja usada várias vezes no Novo Testamento, ela *nunca* é usada em conexão com o universo físico! (Nesse respeito, os próprios comentários equivocados da *New Geneva Study Bible* sobre essa passagem violam seu próprio ditado interpretativo que “a Escritura interpreta a

<sup>6</sup> Chilton, *Paradise Restored*, 59.

<sup>7</sup> John Brown, *Discourses and Sayings of Our Lord*, 3. vols. (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, [1852] 1990), 1:171-172.

<sup>8</sup> Brown, *Discourses and Sayings of Our Lord*, 1:172.

Escritura”. Para possíveis significados desse termo é citado filósofos e astrólogos pagãos gregos – mas nunca o uso do termo pela própria Bíblia!) O *Theological Dictionary of New Testament Words* de Kittel observa que embora na literatura pagã a palavra seja usada de diferentes formas (referindo-se aos “quatro elementos” do mundo físico, ou para as “notas” sobre uma escala musical, ou aos “princípios” da geometria ou lógica), os escritores do Novo Testamento usam o termo “de uma nova forma, descrevendo os *stoicheia* como fracos e pobres. Num sentido transferido, os *stoicheia* são as coisas sobre as quais a existência pré-cristã descansa, especialmente na religião pré-cristã. Essas coisas são impotentes; elas trazem escravidão ao invés de liberdade.”<sup>9</sup> Por todo o Novo Testamento, a palavra “elementos” (*stoicheia*) *sempre* é usada em conexão com a ordem do Antigo Pacto. S. Paulo usou o termo em sua repreensão cortante aos cristãos gálatas que estavam tentados a abandonar a liberdade do Novo Pacto por um legalismo ao estilo do Antigo Pacto. Descrevendo os rituais e cerimônias do Antigo Pacto, ele diz que “assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão debaixo dos primeiros *rudimentos*<sup>10</sup> (*stoicheia*) do mundo... Mas agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses *rudimentos*<sup>11</sup> (*stoicheia*) fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir? Guardais dias, e meses, e tempos, e anos....” (Gl. 4:3, 9-10). Ele adverte aos colossenses: “Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os *rudimentos*<sup>12</sup> (*stoicheia*) do mundo, e não segundo Cristo... Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos *rudimentos*<sup>13</sup> (*stoicheia*) do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivêsseis no mundo, tais como: Não toques, não proves, não manuseies?” (Cl. 2:8, 20-21). O escritor aos hebreus reprovou-os: “Porque, devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros *rudimentos*<sup>14</sup> (*stoicheia*) das palavras de Deus; e vos haveis feito tais que necessitais de leite, e não de sólido mantimento” (Hb. 5:12). No contexto, o escritor aos hebreus está falando claramente das verdades do Antigo Pacto – particularmente visto que ele conecta isso com o termo *oráculos de Deus*,<sup>15</sup> uma expressão usada em outro lugar no Novo Testamento para a revelação provisional do Antigo Pacto (ver Atos 7:38; Rm. 3:2). Essas citações de Gálatas, Colossenses e Hebreus abrangem *todas* as outras ocorrências no Novo Testamento daquela palavra “elementos” (*stoicheia*). Nenhuma se refere aos “elementos” do mundo ou universo físico; todas estão falando dos “elementos” do sistema do Antigo

<sup>9</sup> Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich, Eds., *Theological Dictionary of New Testament Words*, resumido num único volume, Geoffrey W. Bromiley, ed. (Grand Rapids: Eerdmans, 1985), 1088.

<sup>10</sup> *Elementos* em algumas versões, inclusive na do autor. (Nota do tradutor)

<sup>11</sup> Vide nota 10.

<sup>12</sup> Vide nota 10.

<sup>13</sup> Vide nota 10.

<sup>14</sup> Vide nota 10.

<sup>15</sup> Em algumas versões, como na do autor. Em outras lemos “palavras de Deus”, como a que usamos aqui.

Pacto, que, como os apóstolos escreveram um pouco antes da destruição do Templo do Antigo Pacto em 70 d.C., foi tornado velho, e se envelheceu e perto estava de acabar (Hb. 8:13).<sup>16</sup> E S. Pedro usa o mesmo termo exatamente da mesma forma. Por todo o Novo Testamento grego, a palavra *elementos* (*stoicheia*) sempre significa ética, não física; os “elementos” fundacionais de um sistema religioso que estava condenado a desaparecer num julgamento de fogo.

De fato, S. Pedro foi muito específico sobre o fato que ele não estava se referindo a um evento milhares de anos no futuro, mas a algo que *já* estava acontecendo:

Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os *elementos* (*stoicheia*), ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão. Portanto, visto que todas estas coisas *estão sendo dissolvidas*, que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade, aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e os *elementos* (*stoicheia*) *estão sendo fundidos* com grande calor? (2Pe. 3:10-12, versão do autor)

Contrário às traduções enganosas de tradutores cegos pelas suas pressuposições, S. Pedro insiste que a dissolução dos “céus e a terra que agora existem” – o sistema do Antigo Pacto com seus rituais obrigatórios e sacrifícios de sangue – já estava começando a ocorrer: o “universo” do Antigo Pacto estava desmoronando, para nunca mais ser revivido:

Quando o profeta e a visão cessaram de Israel? Não foi quando Cristo veio, o Santo dos santos? De fato, isso é um sinal e prova notável da vinda da Palavra que Jerusalém não mais permaneceu, nem profeta foi levantado, nem visão revelada entre eles. E é natural que assim deveria ser, pois quando Aquele que foi anunciado chegou, que necessidade haveria de algo mais anunciá-lo? E quando a Verdade chegou, que necessidade adicional haveria para a sombra?... E o reino de Jerusalém cessou ao mesmo tempo, reis foram ungidos entre eles até que o Santo dos santos foi ungido.<sup>17</sup>

A mensagem de S. Pedro, John Owen argumenta, é que “os céus e a terra que o próprio Deus plantou – o sol, lua e estrelas da política e igreja judaica – todo o mundo antigo de adoração e adoradores, que permanecem

<sup>16</sup> “Dizendo Nova aliança, envelheceu a primeira. Ora, o que foi tornado velho, e se envelhece, perto está de acabar”.

<sup>17</sup> St. Athanasius, *On the Incarnation of the Word of God* (New York: Macmillan Publishing Co., 1946), [40] 61-62.



em sua obstinação contra o Senhor Cristo – serão perceptivelmente dissolvidos e destruídos.”<sup>18</sup>

Owen oferece duas razões adicionais (“das muitas que poderiam ser tiradas do texto”, ele diz) para adotar a interpretação de 2 Pedro 3 como se referindo a 70 d.C. Primeiro, ele observa, “tudo o que aqui é mencionado tinha sua influência particular sobre os homens daquela geração.”<sup>19</sup> Esse é um ponto crucial, que deve ser claramente reconhecido em qualquer avaliação honesta do significado do apóstolo. S. Pedro está especialmente preocupado que seus leitores do primeiro século lembrem-se das advertências apostólicas sobre “os últimos dias” (v. 2-3; cf. 1Tm. 4:1-6; 2Tm. 3:1-9). Durante esses tempos, os escarnecedores judeus dos seus dias, claramente familiares com as profecias bíblicas de julgamento, estavam recusando prestar atenção àquelas advertências (v. 3-5). Ele exorta seus leitores a viver vidas santas à luz desse julgamento iminente (v. 11, 14); e é ~~esses~~ cristãos primitivos que são repetidamente mencionados como ativamente “aguardando e apressando” o julgamento (v. 12, 13, 14). É precisamente a *proximidade* da conflagração que S. Pedro cita como um motivo para diligência no viver piedoso!

Uma objeção óbvia a tal exposição é referir-se ao que é provavelmente o texto mais bem conhecido e mais mal interpretado na breve epístola de S. Pedro: “Mas, amados, não ignoreis uma coisa, que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia” (2Pe. 3:8). Isso significa, é dito, que “a aritmética de Deus é diferente da nossa”, de forma que quando a Escritura usa termos como “próximo” e “brevemente” (e.g., Ap. 1:1-3) ou “às portas” (e.g., Tiago 5:5-7), isso não pretende dar a impressão de eventos iminentes, mas de eventos possivelmente milhares de anos no futuro! Milton Terry refuta essa teoria aparentemente plausível, porém espúria:

A linguagem é uma citação poética do Salmo 90:4, e é aduzida para mostrar que o lapso de tempo não invalida as promessas de Deus... Mas isso é muito diferente de dizer que quando o Deus eterno promete algo *brevemente*, e declara que tal coisa está *às portas*, ele pode querer dizer que seja uns mil anos no futuro. Seja o que for que ele tenha prometido indefinidamente pode levar mil anos ou mais para se cumprir; mas o que ele afirma estar próximo, que nenhum homem afirme estar longe.<sup>20</sup>

J. Stuart Russell escreveu com desdém sarcástico:

Poucas passagens têm sofrido interpretações mais errôneas que esta, a qual as pessoas fazem com que fale uma linguagem

<sup>18</sup> St. Athanasius, *On the Incarnation of the Word of God*, 135.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 134.

<sup>20</sup> Milton Terry, *Biblical Hermeneutics* (Grand Rapids: Zondervan, 1974), 406.

inconsistente com seu propósito óbvio, e até incompatível com uma consideração estrita à veracidade.

Há aqui provavelmente uma alusão às palavras do Salmista, nas quais ele contrasta a brevidade da vida humana com a eternidade da existência divina...

Mas sem dúvida seria absurdo considerar essa imagem poética sublime como um cálculo para a medida divina do tempo, ou como licença para desconsiderar totalmente as definições de tempo nas predições e promessas de Deus. Todavia, não é incomum que sejam citadas essas palavras como um argumento ou escusa para desconsiderar totalmente o elemento tempo nos escritos proféticos. Mesmo nos casos em que certo tempo é especificado na predição, ou onde limitações tais como “*em breve*”, “*prontamente*” ou “*próximo*” são expressas, apela-se à passagem que temos diante de nós para justificar um tratamento arbitrário de tais notas de tempo, de modo que *em breve* pode significar *tarde*, *próximo* pode significar *distante*, *curto* pode significar *longo*, e vice-versa...

Certamente é desnecessário repudiar de maneira mais enérgica um método tão antinatural de interpretar a linguagem da Escritura. É pior que algo anti-gramatical e irracional, pois é imoral. É sugerir que Deus tem dois pesos e medidas em Seus tratos com os homens, e que em Seu modo de calcular, há uma ambigüidade e variedade que sempre tornará impossível dizer ‘que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo nos profetas indicava’ [cf. 1Pe. 1:11]...

A própria Escritura, contudo, não apóia esse método de interpretação. Fidelidade é um dos atributos mais freqüentemente atribuídos ao ‘Deus que guarda o pacto’, e a *fidelidade* divina é o que apóstolo afirma nessa mesma passagem... O apóstolo não diz que quando o Senhor promete uma coisa para *hoje*, pode ser que Ele não cumpra a Sua promessa por *mil anos*, *isso seria negligência*, *isso seria violação de uma promessa*. Ele não diz que, porque Deus é infinito e eterno, portanto Ele calcula com uma aritmética diferente da nossa, ou fala conosco num duplo sentido, ou usa pesos e medidas diferentes em Seus tratos com a humanidade. O exato oposto é a verdade...

É evidente que o propósito do apóstolo nessa passagem é dar a seus leitores a mais forte segurança que a catástrofe iminente dos últimos dias estava mui próxima de cumprir-se. A veracidade e fidelidade de Deus eram a garantia do cumprimento pontual da promessa. Ter indicado que o tempo era uma variável na

promessa de Deus teria equivalido a ridicularizar seu argumento e neutralizar seu próprio ensino, que era que “o Senhor não retarda a sua promessa”.<sup>21</sup>

Continuando sua análise, John Owen cita o versículo 13: “Mas nós, *segundo a sua promessa*, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça”. Owen pergunta: “Que promessa? Onde podemos encontrá-la?”. Boa pergunta! *Você* sabe a resposta? Onde no Antigo Testamento Deus promete um novo céu e nova terra? Incidentalmente, isso levanta uma questão mais ampla e fascinante: Quando o Novo Testamento cita ou menciona um texto do Antigo Testamento, é freqüentemente uma boa idéia conseguir a citação original, verificar o que significa em seu contexto original, e então ver o “giro” que o escritor do Novo Testamento coloca sobre ela. (Por exemplo, a profecia de Isaías do projeto da construção de uma estrada gigantesca [Isaías 40:3-5] não é interpretada literalmente no Novo Testamento, mas metaforicamente, significando o ministério de pregação de João o Batista [Lucas 3:4-6]. E a profecia de Isaías de uma “era dourada” quando o lobo habitará em paz com o cordeiro [Is. 11:1-10] é condensada e citada por S. Paulo como um cumprimento presente, na era da Nova Aliança [Rm. 15:12]!) Mas John Owen, esse erudito Puritano, conhecia sua Bíblia melhor que a maioria de nós, e nos diz exatamente onde o Antigo Testamento prediz “novos céus e nova terra”.

Que promessa? Onde podemos encontrá-la? Temos tal promessa, com as mesmas palavras, em Isaías 65:17. Quando Deus criará esses “novos céus e nova terra, onde habitam a justiça”? Disse Pedro: será após a vinda do Senhor, após aquela justiça e destruição dos ímpios, que não obedecem ao evangelho. Mas agora é evidente, a partir desse lugar de Isaías, com o capítulo 66:21-22, que essa é uma profecia dos tempos do evangelho somente; e que o criar desses novos céus e nova terra é nada mais que a criação das ordenanças do evangelho, que permanecerão para sempre. A mesma coisa é assim expressa em Hebreus 12:26-28.<sup>22</sup>

Owen está certíssimo, fazendo a pergunta que tantos expositores falham em fazer: *Onde* Deus prometeu trazer “novos céus e nova terra?” A resposta, como Owen declara corretamente, está somente em Isaías 65 e 66 – passagens que profetizam claramente o período do Evangelho, trazido pela obra de Cristo. De acordo com o próprio Isaías, essa “Nova Criação” não pode ser o estado eterno, visto que contém nascimento e morte, construção e plantação (65:20-23). Os “novos céus e nova terra” prometidos à Igreja compreendem a era do Novo Pacto – o triunfo do Evangelho, quando toda a

<sup>21</sup> J. Stuart Russell, *The Parousia* (Bradford, PA: Kingdom Publications, n.d.), pp. 321ss.

<sup>22</sup> Owen, 134s.



humanidade se prostrará diante do Senhor (66:22-23). John Bray escreve: “Essa passagem é uma grande descrição da era do Evangelho após Cristo ter vindo em julgamento no ano 70 d.C., retirando os velhos céus e a velha terra. Agora temos os novos céus e a nova terra da era do evangelho”.<sup>23</sup> O encorajamento de S. Pedro à Igreja dos seus era para ser paciente, esperar o julgamento de Deus para destruir aqueles que estavam perseguindo a fé e impedindo o seu progresso. “Já está próximo o fim de todas as coisas”, ele tinha escrito anteriormente (1Pe. 4:7). John Brown comentou:

“O fim de todas as coisas” aqui é o fim completo da economia judaica na destruição do templo e cidade de Jerusalém, e a dispersão do povo santo. Isso estava perto; pois essa epístola parece ter sido escrita um pouco antes desses eventos acontecer... Está bem claro que nas predições do nosso Senhor, as expressões “o fim” e provavelmente “o fim do mundo” são usadas em referência à dissolução completa da economia judaica (cf. Mt. 24:3, 6, 14, 34; Rm. 13:11-12; Tiago 5:8-9).<sup>24</sup>

Uma vez que o Senhor veio para destruir o andaime da estrutura do Velho Pacto, o Templo do Novo Pacto seria deixado em seu lugar, e a marcha vitoriosa da Igreja seria impossível de ser detida. De acordo com o desígnio predestinador de Deus, o mundo será convertido; os tesouros da terra serão trazidos para a Cidade de Deus, à medida que Mandato do Paraíso (Gn. 1:27-28; Mt. 28:18-20) for consumado (Ap. 21:1-27).

Esse é o motivo dos apóstolos afirmarem constantemente que a era da consumação já tinha sido introduzida pela ressurreição e ascensão de Cristo, que derramou o Espírito Santo. S. Paulo, escrevendo sobre os redimidos, diz que “se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2Co. 5:17). S. João, registrando sua visão da cultura redimida, diz a mesma coisa: “E vi um novo céu, e uma nova terra... porque já as primeiras coisas são passadas... Eis que faço novas todas as coisas” (Ap. 21:1-5). O escritor aos Hebreus conforta seus leitores do primeiro século com a certeza que eles já chegaram “à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial” (Hb. 12:22; cf. Gl. 26-28; Ap. 21). Enquanto os velhos céus e a velha terra estavam sendo abalados e destruídos, os cristãos primitivos estavam “recebendo um reino que não pode ser abalado”, o reino eterno de Deus, trazido por Seu Filho (Hb. 12:26-28). Milton Terry escreveu:

A linguagem de 2 Pedro 3:10-12 é tomada principalmente de Isaías 34:4, e é limitada à *parousia*, como a linguagem de Mateus 24:29. Então o Senhor fez “não somente a terra, mas também o

<sup>23</sup> John L. Bray, *Heaven and Earth Shall Pass Away* (Lakeland, FL: John L. Bray Ministry, 1995), 26.

<sup>24</sup> Citado em Roderick Campbell, *Israel and the New Covenant* (Philadelphia, PA: Presbyterian and Reformed, 1954), 107.

céu” tremer (Hb. 12:26), e removeu as coisas que foram abaladas, a fim de estabelecer um reino que não pode ser movido.<sup>25</sup>

É crucial observar que o apóstolo aponta continuamente a atenção dos seus leitores, não para eventos que aconteceriam milhares de anos no futuro, mas para eventos que já tinham começado a ocorrer. De outra forma, suas palavras finais não fariam sentido algum: “Por isso, amados, aguardando estas coisas, procurai que dele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz... Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que... descaiais da vossa firmeza” (2Pe. 3:14-17). Se essas coisas referem-se a um holocausto termonuclear do século 21, por que o apóstolo inspirado dirige tal exortação séria contra “descair da firmeza” a milhares de leitores que nunca viveriam para ver as coisas preditas por ele? Uma regra cardinal da interpretação bíblica é que a Escritura deve interpretar a Escritura; e, particularmente, que o Novo Testamento é o comentário inspirado de Deus sobre o significado do Antigo Testamento.

Uma vez que a era velha tinha acabado, S. Pedro declarou, a Era de Cristo seria plenamente estabelecida, uma era “na qual habita a justiça” (2Pe. 3:13). A característica distinta da nova era, em contraste absoluto com o que a precede, seria a justiça – justiça *crescente*, à medida que o Evangelho saia em sua missão às nações. Tem havido muitas batalhas por toda a história da Igreja, sem dúvida, e muitas batalhas à frente. Mas esses não devem nos cegar para o progresso mui real que o Evangelho fez e continua a fazer no mudo. A Nova Ordem Mundial do Senhor Jesus Cristo chegou; e, segundo a promessa de Deus, o conhecimento salvífico dEle encherá a terra, como as águas cobrem o mar (Is. 11:9).

---

<sup>25</sup> Milton S. Terry, *Biblical Hermeneutics: A Treatise on the Interpretation of the Old and New Testaments* (Grand Rapids: Zondervan, 1974), 489.